

# SOCIOLOGIA E LITERATURA

*Octavio Ianni*

## **Resumo**

As histórias da sociologia e da literatura, vistas no contra-ponto de alguns temas focalizados por ambas, revelam dimensões insuspeitadas do imaginário de indivíduos e coletividades. Contribuem muito, às vezes decisivamente, para uma teoria da cultura. A sociologia e a literatura, cada uma com sua linguagem, têm focalizado temas tais como os seguintes: "noção", "religião e capitalismo", "racionalização e alienação", entre outros. Em geral, recolocam o enigma "razão e imaginação", que desafia as duas formas de narração. Simultaneamente, em produções sociológicas e em criações literárias, são freqüentes os "tipos" reais ou imaginários, como, por exemplo, "O Príncipe", que pode ser uma fabulação de Maquiavel ou uma construção de Shakespeare. Vale a pena examinar algumas narrativas sociológicas e literárias, em contraponto, de modo a surpreender sugestões para uma teoria da cultura.

## **1. Razão e imaginação**

O contraponto "ciência e arte" continua a alimentar uma controvérsia antiga e periodicamente renovada. Alguns afirmam que ambas distinguem-se como duas linguagens, formas de pensamento e realizações radicalmente diversas. Outros alegam que há ressonâncias entre elas, quando se consideram determinadas obras. E há os que reconhecem que sempre existe algo de "artístico" na ciência, assim como algo de "científico" na arte. A controvérsia complica-se ainda mais, quando se reconhece que há artistas que têm sido simultaneamente cientistas; e vice-versa. Há filósofos dedicados à poesia, música, teatro, romance e outras linguagens. Assim como há autores de ficção cujos textos literários envolvem hipóteses científicas ou enigmas filosóficos. Sem esquecer que há músicos, pintores, escultores, poetas, cineastas e outros que dialogam com conhecimentos, convicções ou ilusões de cientistas. Em síntese, tem sido contínuo ou reiterado o diálogo múltiplo, umas vezes polifonia e outras cacofonia, entre todos, uns e outros, ao longo da história.

A controvérsia sobre o contraponto ciência e arte complica-se um pouco mais

quando se reconhece que há diferenças notáveis entre as próprias ciências, com as suas várias e diferentes linguagens: da mesma forma que entre as artes, também com diferentes linguagens. As ciências podem ser “naturais” e “sociais”, ao passo que as artes podem ser “literárias”, “plásticas” e “musicais”. Essas diversidades realmente ampliam e complicam os termos da controvérsia, exigindo especificações. Neste ensaio, no entanto, cabe circunscrever o debate ao que se pode observar no contraponto entre sociologia e literatura, o qual permite observações e intuições de interesse sobre o contraponto ciências sociais e artes.

Não cabe buscar apressadamente uma solução para a controvérsia, já que ela é realmente complexa, talvez insolúvel. Mas cabe reconhecer que a ciência e a arte podem ser tomadas como duas linguagens distintas, ambas compreendendo formas de conhecimento e imaginação. Ambas revelam algum compromisso com a “realidade”, taquígrafando-a ingênuamente ou criticamente, procurando representá-la, sublimá-la ou simplesmente inventá-la. Há produções científicas e artísticas que lidam com o que se pode denominar de “realidade virtual”, fabulando sobre mundos imaginários, compreendendo utopias, nostalgias ou escatologias. Talvez se possa dizer que em toda criação intelectual, seja científica ou artística, há sempre um quê de exorcismo. O que poderia ser a realidade, em geral é delimitado, taquígrafado, compreendido, interpretado e exorcizado. As narrações literária e científica sempre decantam algo, no sentido literal e metafórico, sem esquecer que canta, encanta ou desencanta. Sim, as narrativas artísticas e científicas são criações intelectuais impregnadas de figuras de linguagem, imagens, metonímias, metáforas, alegorias, aforismos, parábolas. Simultaneamente são duas linguagens radicalmente distintas, já que uma literária e a outra científica.

A narrativa literária compreende imagens e figuras de linguagem, além do ritmo e da melodia. Compreende metonímias e metáforas, entre outras figuras, além de elaborar parábolas, alegorias e outras modalidades de cantar e decantar, fabular e exorcizar. A narração pode ser naturalista, realista, simbolista, fantástica ou outra, mas em todos os casos estão em causa imagens, figuras, ritmos e melodias, que podem enriquecer-se com montagens, colagens, bricolagens, simulacros e outros artifícios narrativos. Talvez predomine na narrativa literária a situação, o incidente, o particular ou o singular, podendo ser prosaico ou excepcional, irrelevante ou heróico, cômico ou trágico, dramático ou épico. É daí que o leitor depreende algo que se esconde e transcende,

desafia e incomoda ou assusta e fascina.

A narrativa sociológica compreende principalmente descrições e interpretações, envolvendo conceitos, categorias, leis ou outras noções comprometidas com a fundamentação empírica e a consistência lógica. A narração sociológica pode ser monográfica ou ensaística, em termos funcionalistas, dialéticos, weberianos, estruturalistas, sistêmicos ou outros. Nela predominam os nexos causais mais ou menos complexos ou as condições e possibilidades, indicando tendências. Aí estão presentes o que é singular e o que é geral, sem esquecer obviamente as mediações. Em geral, a narrativa sociológica busca o que é geral, predominante, tendência principal, alternativa possível; sempre reconhecendo o emaranhado das relações, tensões e contradições, ou configurações. Esse o contexto do qual se decantam conceitos, categorias, leis ou condições e possibilidades.

A despeito das diferenças evidentes e fundamentais, as narrativas sociológicas e literárias muitas vezes se aproximam. As sociológicas com freqüência mobilizam metáforas ou outras figuras de linguagem: *virtu*, fortuna, infraestrutura, superestrutura, anomia, robinsonada, vampirismo, desencantamento do mundo e outras. E as narrativas literárias com freqüência revelam intuições ou mesmo formulações muito próximas do conceito, categoria ou lei. Como diz o príncipe, em *O Leopardo* de Lampedusa, há épocas nas quais cabe mudar alguma coisa para que tudo continue como estava. “Serão dias de muita desordem e confusão, mas a *villa* Salina vai ficar segura como uma rocha... Tudo vai melhorar, creia-me, Excelência. Os homens honestos e habilidosos poderão progredir. O resto ficará como dantes... Porque tudo fica na mesma. No fundo dá na mesma, apenas com uma insensível substituição de classes”<sup>1</sup>. Em outros termos, essa é a tese da “revolução passiva” ou “revolução restauração” formulada por Gramsci<sup>2</sup>.

Cabe reconhecer, ainda, que a literatura e a sociologia aproximam-se bastante no que se refere à construção de tipologias. Ambas as narrativas estão repletas de tipos e tipologias elaborados literária ou sociologicamente. São notáveis os tipos ideais que povoam a literatura: Hamlet, Dom Quixote, Robinson Crusoé, Don Juan, Fausto, Pai Goriot, Madame Bovary,

<sup>1</sup> Giuseppe Tomasi di Lampedusa, *O leopardo*. Trad. de Rui Cabeçadas, 3a. edição, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1963, pp. 36-38.

<sup>2</sup> Antônio Gramsci, *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Trad. de Luiz Mário Gozzaneo, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968, pp. 75-81, do capítulo intitulado “O Moderno Príncipe”.

Martin Fierro, o Senhor Presidente, Pedro Páramo, Macunaíma e outros. Assim como são notáveis os tipos ideais povoando a sociologia: o burguês, o operário, o camponês, o tirano, o príncipe, o demagogo, o carismático, o intelectual e outros.

Há épocas ou conjunturas históricas nas quais o contraponto literatura e sociologia pode revelar-se particularmente significativo, não só pelas convergências, mas também pelas revelações. As convergências, ressonâncias, contemporaneidades ou coincidências, envolvendo sempre temas, dilemas, situações e incidentes próprios da ocasião, podem ser reveladoras de algo mais geral, característico da época ou conjuntura. Nesse sentido é que são reveladores os contrapontos “nação e narração”, “religião e capitalismo”, “racionalização e alimentação” ou “desencantamento e danação”, entre outros desafiando ciências, artes e filosofias.

Quando se fala em algo mais geral, característico da época ou conjuntura, logo se coloca o enigma do pensamento ou da visão do mundo. É como se houvesse algo no ar, um clima sócio-cultural particularmente novo ou provocativo, que alimentasse diferentes criações, não só de escritores e sociólogos, mas também de outros, incluindo filósofos. Haveria inquietações, dilemas e ilusões predominantes, ressoando nas narrativas, interpretações e fabulações. É como se as narrativas, bem como outras criações, sintetizassem e decantassem algo que poderia ser essencial na época ou conjuntura.

É possível reconhecer que há muito de *virtu* e *fortuna* no *pathos* político que atravessa *Hamlet*, *Macbeth*, e *Henrique V* de Shakespeare, assim como em *O príncipe* de Maquiavel. Essas narrativas talvez já estivessem revelando algo particularmente essencial dos tempos modernos, na medida em que a política passava a ser crescentemente fundamental na organização e dinâmica da sociedade. Essas revelações foram sendo enriquecidas com outras narrativas e muitos fatos histórico, tendo um dos seus momentos excepcionais na Revolução Francesa, simultaneamente nacional, européia e mundial. Esse foi um momento crucial, quando o contraponto *fortuna* e *virtu* resulta no *pathos* político em cujo clima se formula o emblema da democracia: liberdade, igualdade e fraternidade; o mesmo *pathos* no qual se manifesta o terror revolucionário. Algo que já vinha de longe nos tempos modernos, continuando pelo século XX afora. “Napoleão disse uma vez, diante de Goethe, que nas tragédias do nosso tempo a política

havia substituído o destino das tragédias antigas”<sup>3</sup>.

As narrativas literárias e sociológicas adquirem níveis excepcionais, tornando-se propriamente não-notáveis mas clássicas, quando os seus autores lidam criativamente com a paixão, a intuição e a imaginação. Talvez todas tenham algo em comum, na medida em que todas estão impregnadas de fabulação.

É óbvio que a atividade intelectual do cientista social geralmente está referida à “realidade”. Lida com fato e evidência, dado e significado, nexos e processo, hierarquia e estrutura, diversidade e desigualdade, continuidade e descontinuidade, ruptura e transformação. Já que a realidade é complexa, intrincada, opaca e infinita, a reflexão é levada a taquigrafar e selecionar, para compreender e explicar, ou esclarecer. Nesse percurso, a despeito de todo o rigor da pesquisa e reflexão, ocorre sempre e necessariamente a decantação. A realidade nunca aparece na interpretação, a não ser figurada e significativamente, por suas articulações, nexos e tensões, que se dão empiricamente. São articulações, nexos e tensões que se depreendem ou constroem logicamente. “É, sem dúvida, necessário distinguir o método de exposição formalmente, do método de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez possa parecer que se esteja tratando de uma construção *a priori*”<sup>4</sup>.

Sim, a metamorfose da pesquisa em narração, ou conceito, categoria e interpretação, é sempre um processo no qual entra a imaginação. Não se trata da imaginação solta e inocente, mas instigada pelos enigmas das relações, nexos, processos, estruturas, rupturas e contradições que provocam a reflexão. Nesse sentido é que a interpretação científica mobiliza rigor e precisão, tanto quanto paixão e inspiração. “Com efeito, para o homem, enquanto homem, nada tem valor a menos que ele *possa fazê-lo com paixão*... Por mais intensa que seja essa paixão, por mais sincera e mais profunda, ela não bastará, absolutamente, para assegurar que alcance êxito. Em verdade, essa paixão não passa de

<sup>3</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel. *Lecciones sobre la filosofía de la Historia universal*. Trad. de José Gaos, 4a. edição, Ediciones de la Revista de Occidente, Madrid, 1974, p. 499.

<sup>4</sup> Karl Marx, *O capital*. 3 vols., Nova Cultural, São Paulo, 1988, vol. I, tomo I, p. 26. Citação extraída do “Posfácio da Segunda Edição”. Este primeiro tomo foi traduzido por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe.

requisito da “inspiração”, que é o único fator decisivo... Essa inspiração não pode ser forçada. Ela nada tem em comum com o cálculo frio... O trabalho e a paixão fazem com que surja a intuição, especialmente quando ambos atuam ao mesmo tempo. Apesar disso, a intuição não se manifesta quando nós o queremos, mas quando ela o quer”<sup>5</sup>.

A paixão e a intuição podem ser as estradas pelas quais se chega à fabulação, território no qual se realizam tanto o conhecimento como a fantasia, tudo isso traduzido em narração. Narra-se para interpretar e fabular, ou para construir categorias e alegorias. Essa parece ser uma faculdade desenvolvida universalmente, ainda que segundo diferentes linguagens, parâmetros, modelos, paradigmas ou estilos.

## 2. Nação e narração

É mais do que evidente que a sociologia e a literatura nascem e se desenvolvem desafiadas, influenciadas ou fascinadas pela questão nacional. Colaboram decisivamente na elaboração do mapa da nação, ajudando a estabelecer o território e a fronteira, a história e a tradição, a língua e os dialetos, a religião e as seitas, os símbolos e as façanhas, os santos e os heróis, os monumentos e as ruínas.

Em larga medida, a história da sociologia pode ser vista como a história de uma larga reflexão sobre a questão nacional. Modificam-se os temas e as perspectivas, assim como as situações e os incidentes, mas predomina a problemática nacional. A sociedade nacional, vista como um todo ou em algum dos seus aspectos, está sempre presente. Sim, a sociedade nacional é o emblema por excelência de grande parte da produção sociológica.

E isto é evidente nos escritos de Maquiavel, Rousseau, Spencer, Tocqueville, Marx, Durkheim, Weber, Lenin, Mauss, Parsons, Dahrendorf, Giddens e muitos outros, independentemente das diferentes perspectivas metodológicas. Não se trata de imaginar que a questão nacional é única ou predominante nos escritos desses e outros autores. Nem se trata de imaginar que se abstêm de reflexões críticas. Alguns lidam com o nacional e o internacional, assim como com o presente e o passado, ou o próximo e o remoto, envolvendo tribos, nações, nacionalidades, culturas e civilizações. Outros empenham-se, simultaneamente, na formulação

---

<sup>5</sup> Max Weber, *Ciência e política (duas vocações)*. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota, Ed. Cultrix, São Paulo, 1985, pp. 25-26. Citação extraída da conferência “A Ciência como Vocação”.

de novas teorias, discutindo tanto problemas ontológicos como epistemológicos. Trata-se de autores cujos escritos abrem-se para os mais diversos temas, assim como dialogam com enigmas suscitados pela filosofia ou desafios colocados por criações artísticas. Alguns não são apenas plurais, mas polifônicos. Em todo o caso, há em seus escritos alguma contribuição para o entendimento da questão nacional. O emblema sociedade nacional, nação ou Estado-nação ressoa neles. Sendo que muitas vezes predomina.

São também muitas e notáveis as narrativas literárias nas quais se manifesta a preocupação aberta ou implícita, consciente ou inconsciente, pela questão nacional. É o que se pode observar em escritos de Shakespeare, Cervantes, Camões, Defoe, Balzac, Dickens, Tolstoi, Whitman, José Hernandez, José de Alencar, José Martí, Miguel Angel Asturias, Mário de Andrade, Gabriel García Márquez, Octavio Paz, Augusto Roa Bastos e muitos outros. É óbvio que os escritos desses autores envolvem também outros temas, compreendendo inclusive a crítica ou o ceticismo sobre a questão nacional. Em alguma medida, uns e outros dialogam com produções científicas e criações artísticas diversas, de diferentes países ou épocas. São plurais, polifônicos.

Nos dois casos, no entanto, há algo ou muito de imaginação. Tanto o escritor como o sociólogo são levados a delimitar, selecionar e taquigrafar para compreender, interpretar ou conhecer. A despeito das diferenças de linguagens, já que um busca o conceito e o outro a metáfora, é inegável que ambos participam do processo de invenção da nação. Privilegiam algumas situações e alguns incidentes, ou temas e desafios, ao mesmo tempo que deixam de lado, menosprezam ou simplesmente esquecem outros. Exorcizam e decantam.

Quando se trata da nação, há sempre algo de invenção. Seja a invenção pelo esquecimento, seja pela fabulação. São diferentes as formas de realizar a invenção, sendo que muitos casos pode ser indispensável a omissão. “O esquecimento e, inclusive, eu diria que o erro histórico, são fatores essenciais na criação da nação. Por isso é que o progresso dos estudos históricos pode ser freqüentemente um perigo para a nacionalidade. De fato, a pesquisa histórica esclarece os fatos violentos ocorridos na origem de todas as formações políticas, inclusive aqueles cujas conseqüências tenham sido mais benéficas. A unidade sempre se faz brutalmente”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Ernest Renan, *Que es una Nacion?* Trad. de Rodrigo Fernandez Carvajal, 2ª edição, Centro de Estudios Constitucionales, Madrid, 1983, pp. 14-15. Consultar também: Frederick Hertz, *Nationality in History and Politics*, Kegan Paul, Londres, 1945, esp. cap. VIII: “Political Thought and National Ideology”.

É provável que a literatura disponha de muitos recursos para lidar com a nação, como um todo ou em alguns dos seus aspectos. Ao lidar com situações e incidentes, presentes e passados, reais e imaginários, tanto lembra como esquece. As suas figuras de linguagem, imagens, metáforas, alegorias permitem levar o exorcismo e a fabulação ao paroxismo. “As nações, portanto, são construtos imaginários que dependem, para a sua existência, de um aparato de ficções culturais, no qual a imaginação literária joga um papel decisivo”<sup>7</sup>.

Sim, a nação pode ser vista em diferentes perspectivas, umas vezes convergentes e outras contraditórias. Pode ser vista em fragmentos ou como um todo. E esse todo pode ser visto como algo pronto, completo e acabado, ou como algo em processo, que se forma e transforma. Em todos os casos, pode ser principalmente uma criação literária ou sociológica; produto da imaginação.

Vista assim, como invenção, a nação parece uma fantasia do escritor ou do sociólogo; assim como fantasia composta nas criações de outras ciências sociais e linguagens artísticas. Mas logo se observa que a nação está nas mentes e coração de muitos, coletivamente, grupos e classes sociais, assim como sindicatos, partidos políticos, movimentos sociais e correntes de opinião pública. Isto significa que ela é, simultaneamente, sentida, pensada e imaginada por uns e outros, a despeito das desigualdades e tensões sociais atravessando continuamente as relações sociais, o jogo das forças sociais.

Sendo assim, a nação torna-se simultaneamente realidade e ficção. Uns querem modernizá-la, no sentido de aperfeiçoar o *status quo*, ao passo que outros querem transformá-la, no sentido de negar e superar a sua forma presente. Há os que a imaginam conforme a utopia, assim como os que a imaginam com nostalgia. Mas todos, ou a grande maioria, têm sido levados a agir, pensar, sentir, compreender, explicar ou fabular tendo como referência esse emblema, algo simultaneamente real e imaginário.

Ocorre que todos, indivíduos e coletividades, se constituem como atores de um vasto e infundável espetáculo. Um espetáculo que se desenrola em vários palcos, diferentes,

---

<sup>7</sup> Timothy Brennan, “The National Longing for Form”, publicado por Homi K. Bhabha (org.), *Nation and narration*, Routledge, Londres, 1990, cap. 4, pp. 44-70; citação da p. 49. Consultar também: Georg Lukacs, *La Novela Histórica*. Trad. de Manuel Sacristán, Ediciones Grijalbo, Barcelona, 1976; Jean Franco, *The modern culture of Latin America*. Penguin Books, 1970, Middlesex, England.

separados, justapostos e mesclados. Um desses palcos tem sido a nação, palco no qual se encontra uma profusão de cenários, que se alteram, rearranjam ou transformam, conforme o jogo das forças sociais. Todos, indivíduos e coletividades, são reais, como personagens: principais e secundários, conscientes e inconscientes, assumidos e sonâmbulos. Formam-se ao acaso, na trama das relações sociais e no jogo das forças sociais. São carentes, inacabados, mutilados ou desesperados, assim como podem ser assumidos, exigentes, auto-conscientes. Podem ser mandantes, dirigentes ou dominantes, assim como humilhados, subalternos ou alienados. Nesse sentido é que a nação pode ser vista como um imenso palco, no qual se desenrola um vasto e infundável espetáculo, aonde uns e outros buscam ou afirmam o seu papel, fisionomia e identidade, ou autoconsciência, descortínio e humanidade.

Sob todos os ângulos, a nação aparece como realidade. Está na história e geografia, compreendendo cultura e religião, língua e tradição, grupos e classes, raças e etnias, além da sociedade e da economia. E tem sido atravessada pelo nacionalismo, localismo, regionalismo, colonialismo, imperialismo e globalismo. Mas a nação é também ficção, invenção e fantasia. Tanto é assim que está sempre imaginada, tanto como utopia quanto como nostalgia.

### 3. Religião e capitalismo

Um momento importante do contraponto sociologia e literatura diz respeito ao enigma protestantismo e capitalismo. A despeito de que esse enigma é antigo, somente foi formulado em alguns dos seus termos principais no século XIX; e adquiriu uma formulação mais convincente nos primeiros anos do século XX. Foi necessária uma longa reflexão, acompanhada de debates e pesquisas, para que os termos principais do enigma pudessem ser equacionados e, em parte, esclarecidos.

Talvez se possa dizer que a formulação mais desenvolvida desse enigma, tanto em narrativas sociológicas como literárias, represente um momento particularmente avançado do processo de desencantamento do mundo. Representa um exorcismo excepcional, não o derradeiro, do modo pelo qual a religião em geral e o protestantismo em especial entram na vida dos indivíduos e coletividades, nas formas de sociabilidade e no jogo das forças sociais. Trata-se de um momento avançado do processo de racionalização do mundo, como contrapartida necessária do desencantamento do mundo;

desencantamento que se desenvolve com a ciência, a técnica e o experimentalismo, a burocratização da empresa, mercado, cidade, Estado e Direito, a secularização da cultura e das relações sociais, a individuação e o individualismo. Foi necessário um longo empenho intelectual, levando as conquistas do Renascimento, Iluminismo e Enciclopedismo aos extremos do paroxismo, para que se pudesse equacionar audaciosamente a aliança entre religião e economia, particularmente, entre protestantismo e capitalismo, o que pode significar a criação de outras condições para surpreendentes pactos diabólicos.

O protestantismo e o capitalismo estão no centro de *Os Buddenbrook* de Thomas Mann, publicado em 1901, assim como no centro de *A ética protestante e o espírito do capitalismo* de Max Weber, de 1905<sup>8</sup>. Em linguagens radicalmente distintas, ambos focalizam o mesmo enigma, a maneira pela qual a ética protestante, crescentemente secularizada, está presente na maneira pela qual os indivíduos e as coletividades vivem e trabalham. Tudo o que diz respeito à vida cotidiana, compreendendo as atividades e as responsabilidades, os direitos e os deveres, passa a ser crescentemente pautado pela ética protestante, também crescentemente secularizada. Isto é, pouco a pouco a ética religiosa transforma-se em ética social, fórmula de sociabilidade, modo de ser, pensar, agir, mandar, obedecer, sentir e imaginar. Paulatinamente, uns e outros, proprietários e assalariados, urbanos e rurais, dirigentes e subalternos, todos são levados a agir segundo os mesmos parâmetros.

O que está em causa é viver e trabalhar como um exercício de predestinação. Cada um e todos atuando de conformidade com sua vocação, de modo a cumprir a sua missão. O máximo de ascetismo no exercício da vida e da profissão, de forma a realizar da melhor maneira possível a vocação. Ninguém sabe nem saberá se será salvo ou condenado à danação, por isso é essencial o máximo de ascetismo. Um ascetismo religioso, protestante, mas crescentemente secularizado, que se reaviva no templo e no exercício da vida cotidiana, traduzido em atividades e códigos de conduta habituais na casa e rua, fábrica e usina, escola e igreja, cidade e nação.

O trabalho pode ser a forma por excelência de exorcizar e sublimar o que pode haver de tentação e pecado, evitando a culpa e prevenindo o castigo. “Todos, sem exceção,

---

<sup>8</sup> Thomas Mann, *Os Buddenbrook*. Trad. de Herbert Caro, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d. Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. de M. Irene de Q. F. Szmrecsanyi e Thomás J. M. K. Szmrecsanyi, Livraria Pioneira Ed., São Paulo, 1967.

recebem uma vocação da Providência Divina, vocação que deve ser por todos reconhecida e exercida... Não é trabalho em si, mas um trabalho racional, uma vocação, que é pedida por Deus. Na concepção puritana da vocação, a ênfase sempre é posta neste caráter metódico da ascese vocacional... A riqueza, desta forma, é condenável eticamente, só na medida que construir uma tentação para a vadiagem e para o aproveitamento pecaminoso da vida... A concepção puritana de vocação e a exigência de um comportamento ascético iria influir no desenvolvimento do estilo de vida capitalístico... Esse ascetismo secular do protestantismo opunha-se, assim, poderosamente, ao espontâneo usufruir das riquezas, e restringia o consumo, especialmente o consumo do luxo”<sup>9</sup>.

À medida que se difunde e enraíza, saindo dos claustros, conventos, igrejas ou templos, e secularizando-se no cotidiano da vida e trabalho, essa ética transforma-se em parâmetro de todos, indivíduos e coletividades. Traduz-se cada vez mais em práticas e preceitos, normas e diretrizes, exigências e imposições. Assim se trilha o caminho do castigo ou da redenção. “O avô acrescentara às notícias muito boas exortações para a descendência, entre as quais, desenhada em altas letras góticas e cuidadosamente emoldurada, se destacava a frase: ‘Meu filho, de dia dedica-te com gosto aos negócios, mas faze-o de maneira que, de noite, possas dormir, tranqüilamente’. E demonstrava-se circunstanciadamente que a velha Bíblia, impressa em Wittemberg, pertencia ao autor da anotação... Thomas dedicava-se com toda a energia ao trabalho, imitando a aplicação tenaz e silenciosa do pai, que se esfalfava, cerrando os dentes e enchendo o seu diário com muitas preces que imploravam a ajuda de Deus... Nós, minha filha, não nascemos para aquilo que, com olhos imprevidentes, consideramos como a nossa pequena felicidade pessoal, pois não somos indivíduos livres nem independentes, que vivem por si sós, mas sim, elos de uma corrente”<sup>10</sup>.

A narrativa sociológica ressoa na literária, assim como esta naquela, a despeito das linguagens diversas. Mas é provável que as convergências, ressonâncias ou contemporaneidades revelem o clima cultural em que se dá a elaboração da narrativa. O enigma estava no ar, presente e exigente, interrogando pensadores, escritores, filósofos,

<sup>9</sup> Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Citado, pp. 114, 115, 116, 119, e 122. Citações do cap. 5: “A Ascese e o Espírito do Capitalismo”.

<sup>10</sup> Thomas Mann, *Os Buddenbrook*. Citado, pp. 40, 54 e 106.

cientistas, artistas, em suas diversas linguagens; interrogações também presentes na vida da sociedade, em seus diferentes círculos de convivência e trabalho.

“Atribuo alguma importância à constatação de que senti e inventei completamente, por minha iniciativa, sem qualquer leitura, por compreensão direta, a idéia de que o homem de trabalho capitalista moderno, o burguês com sua *idéia ascética* do dever profissional, é uma criatura da ética protestante, do puritanismo e do calvinismo. Somente *a posteriori*, há pouco tempo, me dei conta que essa mesma idéia havia sido simultaneamente pensada e expressa por pensadores eruditos. Max Weber em Heidelberg, depois dele Ernest Troeltsch, trataram da ética protestante e o espírito do capitalismo. Esta idéia foi levada à sua máxima expressão na obra *O burguês* de Werner Sombart aparecida em 1913, na qual interpreta o empresário capitalista como síntese de herói, do comerciante e do burguês... Mas o que quero acrescentar de novo é a suspeita, que equivale a uma certeza, de que nossa coincidência com relação à seqüência psicológica ‘calvinismo, burguesidade, heroísmo’ existe em virtude de um intermediário espiritual superior, supremo: Nietzsche.”<sup>11</sup>

Outra figura importante nessa história é a de Marx, certamente outro “intermediário”. Em várias passagens dos escritos sobre a formação do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório, menciona o contraponto religião e economia, ou protestantismo e capitalismo. Em um texto de 1844 colocava alguns dos termos fundamentais do enigma. “Lutero venceu efetivamente a servidão pela *devoção* porque a substituiu pela servidão da *convicção*. Acabou com a fé na autoridade porque restaurou a autoridade da fé. Converteu sacerdotes em leigos porque tinha convertido leigos em sacerdotes. Libertou o homem da religiosidade externa porque erigiu a religiosidade no interior do homem. Emancipou o corpo das cadeias porque sujeitou de cadeias o coração”<sup>12</sup>.

Essa é uma hipótese interessante: o enigma protestantismo e capitalismo, que vinha germinando há muito tempo, adquire contornos mais nítidos nos escritos de Marx e Nietzsche. E alcança suas formulações mais elaboradas nos escritos de Thomas Mann, Max Weber, Ernst Troeltsch e Werner Sombart. Mas não se encerra aí. Caminha pelo século XX adentro e

<sup>11</sup> Thomas Mann, *Consideraciones de un apolítico*. Trad. de León Mames, Ediones Grijalbo, Barcelona, 1978, pp. 164-165.

<sup>12</sup> Karl Marx, “Introdução à Crítica da Filosofia do direito de Hegel”, publicado no volume intitulado *A questão judaica*, trad. de Wladimir Gomide, Ed. Laemmert, Rio de Janeiro, 1969, pp. 103-127, citação da p. 118.

espalha-se pelos quatro cantos do mundo. Reaparece em escritos de Ciências Sociais<sup>13</sup>. E pode estar ressoando em narrativas literárias, cinematográficas e outras.

Essa é uma problemática periodicamente recriada, já que caminha na esteira do desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório. Recoloca-se em termos de protestantismo, catolicismo, islamismo, confucionismo, budismo e capitalismo, sempre compreendendo aspectos mais gerais da problemática religião e economia. Mas o que predomina é o enigma relativo ao contraponto ascetismo, profissão, vocação, disciplina, racionalidade, produtividade e trabalho. Está sempre em causa o exorcismo e a sublimação, por meio dos quais indivíduos e coletividades ajustam-se às exigências do processo de trabalho e produção, em geral atravessado pela alienação. Esse pode ser um momento avançado da longa e intrincada história do desencantamento do mundo.

Ocorre que religião tem sido um núcleo essencial da cultura, traduzindo-se com frequência em metáforas, parábolas e alegorias. Toda formação social, tribo, nação e nacionalidade, ou comunidade e sociedade, sintetiza-se também na religião. Muito do que pode ser cultura, como condição e produto das formas de sociabilidade, decanta-se na religião.

#### 4. Racionalização e alienação

Um momento excepcionalmente heurístico do contraponto sociologia e literatura diz respeito à dialética racionalização e alienação. Sim, logo de início coloca-se a tese de que o mesmo processo de desencantamento do mundo leva consigo o processo de alienação. Em lugar do esclarecimento e da emancipação, o sofrimento e a alienação. A mesma crescente incorporação de conhecimentos científicos pela sociedade, traduzindo ciência em técnica, implica na crescente subordinação de indivíduos e coletividades às organizações, às burocracias e aos sistemas, articulares ou em descompasso, mas em geral enlaçados uns aos outros, em cadeia.

Desde os inícios dos tempos modernos, intensifica-se e generaliza-se o processo de

---

<sup>13</sup> R. H. Tawney, *A religião e o surgimento do capitalismo*. Trad. de Janete Meiches, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1971; Maxime Rodinson, *Islam y capitalismo*. Trad. de Marta Rojzman, Siglo Veintiuno Editores, Buenos Aires, 1973; Michio Morishima, *Capitalisme et confianisme (l'éthique japonaise et la technique occidentale)*. Flammarion, Paris, 1986.

racionalização das organizações e instituições; também das atividades e mentalidades, envolvendo indivíduos e coletividades. Com altos e baixos, avanços e recuos, esse é um processo que se desenvolve na empresa, corporação, mercado, cidade, Estado e Direito, ao mesmo tempo que se desenvolve com o mercantilismo, o colonialismo, o imperialismo e o globalismo; sem esquecer o nacionalismo. Em larga medida, essa é também a história do capitalismo, como modo de produção e civilização. Em boa parte, o pensamento social em geral, da economia e sociologia à política e à demografia, participam desse processo. Em outra escala e em outros termos, há algo de racionalização do mundo na forma pela qual se desenvolve a imprensa, a escola, a igreja, o teatro, o romance, o filme, a cultura de massa, a indústria cultural. Sob vários aspectos, o mesmo processo de desencantamento do mundo desenvolve organização, burocracias e sistemas, relembrando, metafórica ou literalmente algo da “prisão de ferro”.

O processo de racionalização das organizações e instituições, públicas e privadas, leigas e religiosas, nacionais e internacionais, realiza-se também e necessariamente no âmbito das ações e relações sociais, dos comportamentos e atividades, das práticas e idéias. Desenvolve-se de forma particularmente acentuada e geral na empresa e corporação, no mercado e cidade, na escola e igreja, na mídia impressa e eletrônica, no Estado e no Direito. Difunde-se por todas as partes e todos os póros da sociedade, em âmbito nacional e mundial, envolvendo indivíduos e coletividades.

A problemática da racionalização das organizações, instituições, atividades e mentalidades está bastante presente em narrativas sociológicas e literárias. Já se manifesta em escritos de Maquiavel e Shakespeare, desenvolve-se nos de Marx e Balzac e alcança níveis avançados nos de Weber e Kafka. De forma aberta ou implícita, consciente ou inconsciente, são muitos os que se dedicam a registrar, descrever, compreender, explicar, valorizar ou exorcizar a formalização, sistematização, burocratização, modernização ou racionalização que impregna crescentemente as organizações, instituições, atividades e mentalidades.

Esse o clima em que surge a metáfora da “prisão de ferro”. De tanto organizar, sistematizar, contabilizar, calcular, burocratizar, modernizar ou racionalizar, o homem moderno acaba por ver-se metido em uma jaula de ferro, provavelmente sem porta nem janela. De repente, se vê delimitado, confinado, subordinado, adjetivado, administrado. O seu engenho e a sua técnica traduzem-se em redes, emaranhados, teias, prisões. Aos

poucos, as criaturas submetem o criador, como em um mundo cada vez mais fantasmagórico.

“O puritano queria tornar-se um profissional, e todos tiveram que segui-lo. Pois quando o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, passando a influenciar a moralidade secular, fê-lo contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série através da máquina, que atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo indivíduo nascido sob esse sistema, e não apenas daqueles diretamente atingidos pela aquisição econômica, e, quem sabe, o determinará até que a última tonelada de combustível tiver sido gasta. De acordo com a opinião de Baxter, preocupações pelos bens materiais somente poderiam vestir os ombros do santo como um ténue manto, do qual a toda hora se pudesse despir. O destino iria fazer com que o manto se transformasse numa prisão de ferro. Desde que o ascetismo começou a remodelar o mundo e nele se desenvolver, os bens materiais foram assumindo uma crescente, e, finalmente, uma inexorável força sobre os homens, como nunca antes na História... Ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou se, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e idéias, ou ainda se nenhuma dessas duas - a eventualidade de uma petrificação mecanizada...”<sup>14</sup>.

Nessa mesma época, na transição do século XIX para o XX, e crescentemente no curso do século XX, identifica-se e generaliza-se a racionalização das organizações, instituições, atividades e mentalidades. Tudo tende a ser organizado, formalizado, sistemático, calculado, contabilizado, modernizado ou racionalizado. Tanto é assim que as ciências sociais e as artes, em geral, participam ativamente, ou são levadas a participar dessa tendência. Os temas, as situações e os incidentes que povoam as narrativas revelam algo, ou muito, nesse sentido.

Várias narrativas de Kafka podem ser lidas como criações situadas nesse clima. Além dos seus enigmas filosóficos, religiosos, políticos ou outros, elas contribuem decisivamente para a revelação do desenho da prisão de ferro, literal ou metaforicamente. São um mergulho audacioso, surpreendente, aflitivo e fascinante no sistema labiríntico produzido pela racionalização das organizações, instituições, atividades e mentalidades.

<sup>14</sup> Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Citado, pp. 130-131.

O tom da narrativa parece descritivo, objetivo, direto, neutro, isento. Toma os fatos, situações e incidentes como naturais e transparentes. Não ocorre qualquer vibração emocional. De repente, manifesta-se uma sensação de surpresa, algo insólito, assustador e fascinante, ou fantasmagórico. É como se o inesperado e absurdo estivessem escondidos em tudo o que parecia inocente, claro e transparente.

Esse o tom em que se narra *O processo*, *O castelo*, *A grande muralha da China*, *A construção* e *Na colônia penal*, sem prejuízo dos seus enigmas filosóficos, religiosos e políticos. Em cada uma dessas narrativas, tudo o que é objetivo, direto, neutro e isento revela-se simultaneamente assustador e fascinante. São criações mágicas, das quais salta o fantasmagórico. Podem ser vistas como alegorias da alienação inexorável escondida na racionalização do mundo. Expressam um momento excepcional da história, quando a modernidade se rompe em pós-modernidade, quando a racionalização transforma o conhecimento em técnica de alienação.

“O aparelho está aqui à nossa frente. Como se vê, ele se compõe de três partes. Com o correr do tempo surgiram denominações populares para cada uma delas. A parte de baixo tem o nome de cama, a de cima de desenhador e a do meio, que oscila entre as duas, se chama rastelo... O nome combina. As agulhas estão dispostas como as grades de um rastelo e o conjunto é acionado como rastelo, embora se limite a um mesmo lugar e exija muito maior perícia. Aliás o senhor vai compreender logo. Aqui sobre a cama coloca-se o condenado. Quero no entanto primeiro descrever o aparelho e só depois fazê-lo funcionar eu mesmo... Esta é a cama. Está totalmente coberta com uma camada de algodão; o senhor ainda vai saber qual é o objetivo dela. O condenado é posto de bruços sobre o algodão, naturalmente nu; aqui estão, para as mãos, aqui para os pés e aqui para o pescoço, as correias para segurá-lo firme. Aqui a cabeceira da cama, onde, como eu disse, o homem apóia primeiro a cabeça, existe este pequeno tampão de feltro, que pode ser regulado com a maior facilidade, a ponto de entrar bem na boca da pessoa. Seu objetivo é impedir que ela grite ou morda a língua. Evidentemente o homem é obrigado a admitir o feltro na boca, pois caso contrário as correias do pescoço quebram sua nuca.”<sup>15</sup>

Como diz Kafka, o aparelho cumpre a sentença realizando a tortura e o assassinato do condenado. A técnica torna-se cada vez mais eficaz, desenvolvendo várias operações

---

<sup>15</sup> Franz Kafka, *O veredito & Na colônia penal*. Trad. Modesto Carone. 2ª ed., 1988, pp. 34-36. Citação de *Na colônia penal*.

simultâneas e combinadas, de tal modo que ao operador do aparelho não cabe nada mais do que apenas acioná-lo, já que o próprio aparelho se desliga assim que completa a sua tarefa; ou melhor, assim que se cumpre a sentença. A ficção prenuncia a robótica, a automação. Aos poucos, os aparelhos adquirem maior complexidade, mais versatilidade e crescente eficácia. Começam a mover-se por si, tornando-se independentes do seu criador e podendo não só influenciá-lo como subordiná-lo.

A prisão de ferro imaginada por Weber em 1905 ressoa no aparelho de tortura e assassinato imaginado por Kafka em 1914. As narrativas sociológica e literária registram dois momentos do processo técnico, quando a ciência se traduz não só em técnica de produção ou emancipação, mas também de alienação. Está cada vez mais intensa e generalizada a racionalização do mundo, compreendendo as organizações, instituições, atividades e mentalidades<sup>16</sup>.

A metáfora vai longe, adquirindo diferentes significações. Manifesta-se em situações aparentemente prosaicas e ressoa no imaginário de uns e outros. Há diretrizes, instruções e decretos traduzindo o intraduzível. Transfiguram a metáfora em outras significações. Aos poucos, não se sabe mais qual é a diferença entre a prisão, o aparelho e o decreto, ou o visível e o invisível, as práticas sociais que parecem estabelecidas e aquelas em que pairam nebulosas certezas de incertezas.

“Naquela época havia muita gente, entre ela os melhores, que possuíam a seguinte máxima: Tenta, com todos os teus esforços, compreender os decretos do comando supremo, mas só até determinado ponto; a partir daí, evita pensar mais nisso. Uma máxima muito sensata, que mais tarde foi transformada numa parábola freqüentemente citada: evita pensar mais nisso, mas não porque isso te possa ser prejudicial; não temos a certeza de que pudesse ser prejudicial.”<sup>17</sup>

Talvez se possa dizer que a prisão, o aparelho e o decreto imaginados por Weber e Kafka denunciam o lado cruel da razão iluminista. No mesmo curso do desencantamento do mundo em geral, desenvolvido com base na utopia da emancipação, o que se verifica é a crescente alienação. Em lugar da razão crítica, predomina a razão instrumental.

<sup>16</sup> José M. González García, *La máquina burocrática (afinidades electivas entre Max Weber y Kafka)*. Visor, Madrid, 1989.

<sup>17</sup> Franz Kafka, *A grande muralha da China*. Trad. de Maria de Fátima Fonseca, Publicações Europa-América, Lisboa, 1976, pp. 13-14.